

SEMINA

XI Semana de Egiptologia do
Museu Nacional

CADERNO DE RESUMOS

13 a 17 de Outubro de 2025



PPGArq
MUSEU NACIONAL UFRJ



Auditório do Horto Botânico
Quinta da Boa Vista
Rio de Janeiro



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu Nacional

SESHAT – Laboratório de Egíptologia do Museu Nacional

**CADERNO DE RESUMOS DA
XI SEMNA- SEMANA DE EGÍPTOLOGIA DO MUSEU
NACIONAL**

André Effgen
Gisela Chapot
(Orgs.)

Rio de Janeiro
2025

SEMINA

XI Semana de Egiptologia do
Museu Nacional

13 a 17 de Outubro de 2025

Comissão organizadora:

Pedro Von Seehausen

Gisela Chapot

André Effgen

Tamires Machado

Marcos Davi Duarte da Cunha

Victor Guida

Rio de Janeiro

2025



SESHAT – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional

Dr. Pedro Luiz Diniz Von Seehausen (MN/UFRJ)

Dra. Gisela Chapot (UFRJ)

Dra. Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho (MN/UFRJ)

Dra. María Violeta Pereyra (Universidad de Buenos Aires)

Dr. Rennan de Souza Lemos (Durham University)

Dra. Joana Campos Clímaco (UFAM)

Dra. Cintia Alfieri Gama Rolland (Musée des Confluences – Lyon , França)

Dr. Sergio Alex Kugland de Azevedo (MN/UFRJ)

Dr. Álvaro Hashizume Allegrette (PUC-SP)

Dr. Jorge Roberto Lopes dos Santos (INT/PUC-RJ)

Dr. Victor Guida de Freitas (MN/UFRJ)

Dra. Lilian Cardoso e Silva Costa Pinto (MN/UFRJ)

Me. André Effgen (MN/UFRJ)

Me. Tamires Machado (MN/UFRJ)

Me. Marcos Davi Duarte da Cunha (MN/UFRJ)

Me. Matheus Moraes Maluf (MN/UFRJ)

Me. Bernardo Henrique Penha Brasil (Embaixada do Brasil no Egito/ BAPE)

Me. Marina Buffa César (MN/UFRJ)

Me. Regina Coeli Pinheiro da Silva (MN/UFRJ)

Me. Rodrigo Alcântara de Souza (MN/UFRJ)

Ernesto Graf (Universidad de Granada)

Ainá Rayani Xavier Ferreira (UFRJ)

Daniel Portocarrero da Silva (UERJ)

Jéssica de Moraes Silva (UFRJ)

Sumário

Apresentação -----	4
Programação -----	5
Resumos conferências e minicurso -----	14
Resumos das mesas de debates-----	18
Mesa de debates 1 -----	19
Mesa de debates 2 -----	20
Mesa de debates 3 -----	21
Mesa de debates 4 -----	22
Mesa de debates 5 -----	23
Mesa de debates 6 -----	24
Mesa de debates 7 -----	25
Mesa de debates 8 -----	26
Mesa de debates 9 -----	27
Mesa de debates 10 -----	29

SEMNA

Apresentação

Prezado(a) leitor(a),

É com grande satisfação que o SESHAT – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) apresenta o caderno de resumos da XI Semana de Egiptologia do Museu Nacional (SEMNA). Ao longo de mais de uma década de existência, a SEMNA consolidou-se como o mais importante fórum acadêmico dedicado exclusivamente aos estudos do Egito Antigo na América Latina, reunindo pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições e campos do saber.

A décima primeira edição deste evento reafirma a relevância crescente da egiptologia no cenário científico nacional e internacional. As contribuições aqui reunidas refletem não apenas a amplitude e a diversidade do campo, mas também seu caráter intrinsecamente transdisciplinar, que permite o diálogo entre arqueologia, história, filologia, antropologia, história da arte, ciências das religiões e outras áreas afins. Tal diversidade enriquece o debate e aprofunda a compreensão das múltiplas dimensões da sociedade egípcia ao longo de mais de três milênios.

A Comissão Organizadora expressa seu sincero agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ, cujo apoio institucional tem sido fundamental para a continuidade e o fortalecimento da SEMNA. Registramos, de modo especial, nossa gratidão à Profa. Dra. Claudia Rodrigues-Carvalho, Coordenadora do Programa, e à Sra. Claudine Leite, cuja dedicação administrativa foi imprescindível para a realização desta edição.

Estendemos, igualmente, nossos agradecimentos à Direção do Museu Nacional/UFRJ, na pessoa do Prof. Dr. Alexander Kellner, cujo apoio institucional foi decisivo para viabilizar e fortalecer a realização da XI SEMNA.

Aos(as) pesquisadores(as) que compartilham seus estudos e descobertas neste encontro, estendemos nosso reconhecimento pela generosidade intelectual e pelo compromisso com a construção e a difusão do conhecimento. É graças a esse esforço coletivo que a SEMNA se mantém como um espaço dinâmico de reflexão e de intercâmbio científico.

Que as páginas deste caderno de resumos inspirem novas questões, despertem perspectivas inovadoras e contribuam para o avanço contínuo dos estudos sobre o Egito Antigo.

Com os melhores votos de uma leitura proveitosa,

Comissão Organizadora da XI SEMNA

Programação completa

13/10/2025 - Segunda-feira

10 H - Credenciamento

Abertura da XI SEMNA

Dr. Pedro Von Seehausen

Coordenador do SESHAT

Prof. Dr. Lucas Silva

Curador das coleções arqueológicas do Museu Nacional

Professor do PPGArq/MN/UFRJ

Prof. Dr. Alexander Kellner

Diretor do Museu Nacional/UFRJ

10:30 H - Conferência 1

“Lenguajes de rerpretación e interpretación de lenguajes en TT49”

Profa. Dra. María Violeta Pereyra – Diretora do Neferhotep Project

12:00 H- Almoço*

13:30 H - Mesa de debates 1

“Proteção, *Heka* e Ressignificação: o amuleto de Hórus em hematita no Museu do Louvre (E 10944)”

André Effgen – Doutorando em Arqueologia (PPGArq/MN/UFRJ)

“Entre *Oikoumene* e *Maat*: emaranhamento cultural greco-egípcio no Alto Egito durante a Era Ptolomaica”

Mariana Albuquerque Campos – Mestranda em História (PPGH-UFF)

“A paisagem do Nilo: uma análise do conteúdo a partir de Plínio, o Velho (séc. I d.C.)”

Gabriela Guimarães Rangel – Graduanda em História (UERJ)

15:20 H - *Coffee Break*

15:45H - Mesa de debates 2

“Orientalismo, Egiptomania e Egiptologia nos interesses e política de d. Pedro II”

Nina Ingrid C. Paschoal – Doutoranda em História da Arte (UNIFESP)

“A análise do sarcófago de Pabasa ao Mito do Egito Eterno: como o Antiquarismo Influenciou na Criação da Imagem do Antigo Egito no Ocidente”

Giovanna Ciuffo Nascimento – Graduanda em História (UNIFAL)

“Memória Cultural e Patrimônio Arqueológico: salvaguarda e ressignificação da coleção egípcia do Museu Nacional”

Bruna de Oliveira Santos – Mestranda em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (UEG)

14/10/2025 - Terça-feira

10 H - Mesa de debates 3

"Sherdens no Grande Templo de Abu Simbel: uma análise iconográfica detalhada dos Guerreiros de elite de Ramsés II (1279-1213 AEC)"

Sérgio Ricardo Fracalanza Muzy - Especialista em História Militar (UNISUL)

"Poder Divino e Estratégia Política: a Capela Vermelha no Reinado de Hatshepsut"

Alanna Vanessa Mendes Moreira - Graduanda em História (UEG)

"Entre o Deus e o Rei: a Divinização de Ramsés II por meio dos Colossos Reais e a Percepção Popular da Realeza Divina"

Emanuel Amaro dos Santos Fernandes - Mestrando em História Comparada (UFRJ)

"Medeia e as práticas de magia amorosa no Mediterrâneo Antigo: um diálogo entre literatura e religiosidade popular no Egito greco-romano"

Amanda Martins Hutflesz - Doutoranda em Letras Clássicas (UFRJ)

12 H - Almoço*

13:30 H - Mesa de debates 4

“A Comunidade Aldeã no antigo Egito: os reais limites do poder faraônico”

Profa. Dra. Nely Feitoza Arrais (UFFRJ) e Prof. Dr. Marcos José Caldas (UFFRJ)

“Los "papeles de trabajo" de Abraham Rosenvasser”

Profa. Dra. María Violeta Pereyra (Universidad de Buenos Aires) e Dr. Mariano Bonanno (Universidad de Buenos Aires)

“Una aproximación al país de Punt en fuentes monumentales y religiosas egipcias a través de las colocaciones”

Emilio Sebastián Bosio – (Universidad de Buenos Aires)

15:20 H - *Coffee Break*

15:45 H - Conferência 2

“Sonhando entre o Nilo e o Deserto: a Egíptologia contra o fim do mundo”

Prof. Dr. Fábio Frizzo

Professor de História Antiga (UFTM)

15/10/2025 - Quarta-feira

10 H - Minicurso

A Arte no Egito antigo

Profa. Dra. Gisela Chapot

Professora substituta de História Antiga (UFRJ)

Vice-Coordenadora do SESHAT (MN/UFRJ)

12 H - Almoço*

13:30 H - Mesa de debates 5

“Os poemas de amor egípcios e sua relação com Deir el-Medina”

Alessandra Pinto Antunes do Vale – Doutora em História (UFRJ)

“Entre festas e hinos: diálogo entre os templos em Esna”

Tamires Machado – Doutoranda em Arqueologia (PPGARq/MN/UFRJ)

“Mania ou logos? Discutindo a relação entre recepção do Egito Antigo e a egiptologia”

Mariana Pinheiro da Costa Chaves – Mestranda em História social (PPGH-UFF)

15:20 H - Coffee Break

15:45 H - Mesa de debates 6

“Entre a memória e o esquecimento: reutilização de tumbas em Tebas e Saqqara”

Daniel Portocarrero da Silva – Graduando em Arqueologia (UERJ)

“As Gentes de Kephtyu – representações funerárias dos grupos egeus no Vale dos Nobres na XVIII^a Dinastia”

Marcos Davi Duarte – Doutorando em Arqueologia (PPGARq/MN/UFRJ)

“Realeza do mundo animal: os felinos na iconografia, arte e religiosidade do Antigo Egito”

Lílian Cardoso – Doutora em Arqueologia (MN/UFRJ)

16/10/2025 - Quinta-feira

10 H - Mesa de debates 7

“O ensino da História do Antigo Egito a partir do livro didático”

Wanderson Alberto da Silva - Doutorando em História (PPGH/UFPB)

“A Filosofia, Ética e Educação egípcia sob o conceito de Maat”

Emerson Facão - Doutor em Filosofia (UERJ)

“A Egiptomania e o Ensino de História Antiga: as representações egípcias no cotidiano da Paraíba”

Profa. Dra. Serioja R. C. Mariano (UFPB) e Wanderson Alberto da Silva - Doutorando em História (PPGH/UFPB)

12 H - Almoço*

13:30 H - Mesa de debates 8

“Os intelectuais no Egito Antigo: poder ideológico e ontologia”

Jorge Henrique Almeida de Jesus - Doutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ)

“O papel da mulher durante a vigência da XXV Dinastia do Egito”

Vilma Fátima Freire Caldeira - Especialista em História Antiga e Medieval (UERJ)

“Em busca de interpretações endógenas à cultura pastoril kushita no II milênio AEC – uma contribuição dos estudos pós-coloniais”

Fábio Amorim Vieira – Doutorando em História (UFRGS)

15:20 H - *Coffee Break*

15:45 H - Conferência 3

“O primeiro ano da missão arqueológica do Museu Nacional em Luxor: Continuidade e avanços nas pesquisas do Complexo Funerário de Neferhotep”

Dr. Pedro Von Seehausen

Diretor da missão arqueológica do Museu Nacional no Egito

Coordenador do SESHAT (MN/UFRJ)

17/10/2025 - Sexta-feira

10 H - Mesa de debates 9

“Dançarinas Egípcias: terminologia e Iconografia Através dos Períodos Históricos”

Patricia Cardoso Azoubel Zulli - Mestra em História (UFF)

“A Representação dos Corpos Egípcios na Produção Cinematográfica de Hollywood: Análises e Implicações”

Ana Paula de Brito Rodrigues - Graduada em História (UFRRJ)

“Erotismo no Egito Antigo: Corpo, Gênero e Religião”

Gustavo Henrique Marques Maciel - Graduando em História (UERJ)

12:00 H - Almoço*

13:30 H - Mesa de debates 10

“Hatshepsut e a Relevância da História Antiga: reflexões para o Ensino de História”

Cely Nathany - Mestranda em História (UERJ)

“Hieróglifos na Sala de Aula”

Thiago Ribeiro - Doutor em História (UFFRJ) e Lavínia Rocha - Historiadora (UFMG)

“De Faraó a invisível: Hatshepsut e o apagamento de mulheres no ensino de História”

Ana Vitória dos Anjos Marcelino - Graduanda em História (UERJ)

15:20 H - *Coffee Break*

15:45 H - Lançamento de Livro

“Entre Thoth e Hermes Trismegisto: as cosmogonias egípcias na Literatura Hermética”

André Effgen – Doutorando em Arqueologia (PPGArq/MN/UFRJ)
Editora Dialética

Encerramento da XI SEMNA

Profa. Dra. Gisela Chapot (UFRJ)
Vice-coordenadora do SESHAT

Lançamento do ebook:

SEMNA- Estudos de Egiptologia VIII

SEMINA

XI Semana de Egiptologia do
Museu Nacional

Resumos das conferências e minicurso



13/10/2025 - 10:30 H - Conferência 1

“Lenguajes de rerpretación e interpretación de lenguajes en TT49”

Profa. Dra. María Violeta Pereyra

Diretora do Neferhotep Project

Resumo:

La reconstrucción del pasado implica un proceso que es tan inclusivo como complejo, requiere de variados abordajes disciplinarios y se fundamenta tanto en cuestiones objetivas como subjetivas. Desde una perspectiva diacrónica de análisis, nos proponemos revisar la rica evidencia material de las antiguas prácticas funerarias egipcias, que implica una diversidad de sujetos interpretantes, entre los que nos encontramos. Por lo tanto, nos ocupamos aquí de su complejo abordaje para el estudio de TT49 y de la selección y aplicación de variadas metodologías a partir del cúmulo de miradas y sujetos que se interesaron por comprender quien fue Neferhotep y cual su contexto.

14/10/2025 - 15:45 H - Conferência 2

“Sonhando entre o Nilo e o Deserto: a Egiptologia contra o fim do mundo”

Prof. Dr. Fábio Frizzo

Professor de História Antiga (UFTM)

Resumo:

As narrativas sobre a Antiguidade sempre estiveram conectadas a diferentes projetos de futuro. No caso da Egiptologia, já é consensual a constatação de que as narrativas tradicionais sobre o Egito Antigo estiveram (e, em alguma medida, ainda estão) ligadas à colonialidade e à racialização. Portanto, a antiguidade faraônica faz parte de uma concepção temporal do progresso, que aponta inexoravelmente para a modernidade, reafirmando o eurocentrismo e a superioridade de uma pretensa civilização ocidental, marcada pela economia de mercado e pelo supremacismo branco. O berço desta trajetória foi localizado no vale do Nilo e o seu futuro é o que decorre do realismo capitalista: distopia, catástrofe e fim do mundo. A forma como contamos sobre o nosso passado distante determina como sonhamos com outros futuros. Nesta conferência, buscarei demonstrar como uma nova narrativa do Egito Antigo, que parte mais dos desertos do que do Nilo, nos ajuda a traçar cartografias para escapar, nos nossos dias, do que Nancy Fraser chamou capitalismo canibal e nos permite voltar a sonhar com futuros mais esperançosos.

16/10/2025 - 15:45 H - Conferência 3

“O primeiro ano da missão arqueológica do Museu Nacional em Luxor: Continuidade e avanços nas pesquisas do Complexo Funerário de Neferhotep”

Dr. Pedro Von Seehausen

Diretor da missão arqueológica do Museu Nacional no Egito

Coordenador do SESHAT (MN/UFRJ)

Resumo:

Em 2014, o Museu Nacional passou a integrar a equipe da Dra. Violeta Pereyra, no Projeto Neferhotep, que atua desde 1999 no Complexo Funerário de Neferhotep, localizado na colina de El-Khokha, na Necrópole Tebana dos Nobres em Luxor. Depois de anos de parceria e cooperação, a tutela acadêmica do projeto foi transferida para a guarda do Museu Nacional em 2025. Apesar de este momento significar um marco para a Egptologia do Museu Nacional, ele também significa a continuidade de um esforço acadêmico que vem sendo desenvolvido em colaboração com outras instituições envolvidas no projeto. Neste sentido, o objetivo desta conferência é apresentar alguns dos resultados preliminares da campanha de 2025 da Missão Arqueológica do Museu Nacional em Luxor.

15/10/2025 - 10:00 H - Minicurso

“A Arte no Egito antigo”

Profa. Gisela Chapot

Professora substituta de História Antiga (UFRJ)

Vice-Coordenadora do SESHAT (MN/UFRJ)

Resumo:

Um dos traços mais distintivos da cultura do Egito Antigo reside em seu padrão representativo inconfundível, presente em esculturas, relevos, pinturas e na arquitetura ao longo de todo o período faraônico. Este minicurso tem como objetivo analisar a arte egípcia antiga a partir de suas principais características formais e conceituais, fundamentadas em um sistema canônico rigoroso, estruturado por normas que orientavam a execução das composições artísticas, marcadas por idealizações estéticas e profundos simbolismos. Com ênfase na arte bidimensional, busca-se investigar os significados e finalidades dos relevos e das pinturas, perpetuados em templos e tumbas ao longo de diferentes fases históricas, articulando tais formas artísticas aos seus contextos sociais, religiosos e funerários, sob uma perspectiva de longa duração.

SEMINA

XI Semana de Egiptologia do
Museu Nacional

Resumos das mesas de debates



13/10/2025 - Segunda-feira

13:30 H - Mesa de debates 1

“Proteção, Heka e Ressignificação: o amuleto de Hórus em hematita no Museu do Louvre (E 10944)”

André Effgen - Doutorando em Arqueologia (PPGArq/MN/UFRJ)

Resumo:

Este trabalho apresenta uma análise interdisciplinar de um amuleto egípcio em hematita que representa o deus Hórus em sua forma de falcão (E 10944). Datado entre o final do Período Ptolomaico e o Período Romano, o objeto, atualmente pertencente à coleção do Museu do Louvre, em Paris, é possivelmente originário de Denderah. Trata-se de um exemplo notável da forma como símbolos religiosos e mágicos egípcios foram apropriados, transformados e ressignificados em contextos multiculturais do Egito greco-romano. A investigação parte da tradição iconográfica que associa Hórus ao papel de protetor do Egito — guardião contra forças caóticas como animais perigosos, entidades demoníacas e inimigos estrangeiros — e analisa a reutilização dessa imagem faraônica em época posterior, acrescida de um feitiço inscrito em grego koiné. O estudo examina aspectos formais, estilísticos e materiais do amuleto, assim como sua função apotropaica e o possível emprego em rituais de caráter privado. Ao combinar métodos da Arqueologia, Egptologia, História das Religiões e dos Estudos sobre Magia Antiga, a pesquisa busca identificar continuidades e rupturas nos imaginários mágicos egípcios, destacando a resiliência das práticas locais diante de pressões culturais externas. Assim, ao iluminar um objeto aparentemente modesto, mas densamente simbólico, o estudo oferece novas perspectivas sobre as interações entre violência, religião e magia em um Egito em profunda transformação.

“Entre *Oikoumene* e *Maat*: emaranhamento cultural grecoegípcio no Alto Egito durante a Era Ptolomaica ”

Mariana Albuquerque Campos - Mestranda em História (PPGH-UFF)

Resumo:

Ao sair bem sucedida da Batalha de Isso, a Liga Helênica, liderada por Alexandre Magno, ultrapassa as fronteiras do extremo leste de Pelúcio e avança diante de pouca resistência egípcia, muito em virtude do contexto de instabilidade pós dominação persa, desdobrando-se a partir daí a colonização greco-macedônica no Egito sob o que ficou convencionalizado como período helenístico (332-30 AEC). Embora o processo colonial grego tenha empreendido novas formas de organização na sociedade egípcia, a cultura nativa ocupa um papel simbólico socialmente relevante neste processo. Nossa comunicação pretende discutir a cultura material funerária do Alto Egito – para além de Alexandria, sede cosmopolita do império – e versaremos principalmente sobre práticas religiosas da região, na margem oeste do Rio Nilo e da antiga Tebas. Deste modo, buscaremos entender que não há, então, uma assimilação cultural homogênea dos costumes gregos dentro da sociedade egípcia, mas sim a formação de uma complexa rede de hierarquias envolvendo o contato entre a figura da elite sacerdotal indígena e o Estado colonial. Sendo assim, nossa premissa será identificar os níveis de emaranhamento cultural na relação entre as tradições nativas egípcias e o aparato cultural grego e explorar, portanto, como se dá esta agência egípcia através da análise material.

“A paisagem do Nilo: uma análise do conteúdo a partir de Plínio, o Velho (séc. I d.C.)”

Gabriela Guimarães Rangel - Graduanda em História (UERJ)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a compreensão romana a respeito da paisagem do rio Nilo no século I d.C. Para este estudo, utilizamos a metodologia da análise do conteúdo para destrinchar o décimo capítulo do livro V de História Natural, escrito por Plínio, o Velho. Além disso, abordamos a teoria da arqueologia da paisagem para fundamentar e debater a problemática desta pesquisa, assim como questionar a posição do rio Nilo como paisagem, objeto de estudo e terreno em que há a construção de significado. Portanto, na presente pesquisa, visamos questionar a perspectiva romana acerca da paisagem e fauna do rio Nilo, buscando compreender de que maneira este espaço egípcio foi caracterizado na esfera social romana do século I d.C.

15:45 H - Mesa de debates 2

“Orientalismo, Egiptomania e Egiptologia nos interesses e política de d. Pedro II”

Nina Ingrid C. Paschoal – Doutoranda em História da Arte (UNIFESP)

Resumo:

Esta comunicação busca discutir o interesse e uso político de d. Pedro II em relação ao Egito. Leva-se em conta o contexto cultural, imperial e intelectual do século XIX, nos quais as disciplinas ditas Orientalistas despontavam, comentando também os efeitos da Egiptologia e mesmo da Antropologia para esse contexto. Fontes visuais, documentais e bibliográficas serão utilizadas, inclusive algumas produzidas ou adquiridas no âmbito das duas viagens do monarca ao Egito (1871 e 1876-77), a saber, fotos e diários. Para tanto, emprega-se metodologia da análise iconográfica, iconológica e de discurso. É de interesse explorar como esses registros podem elucidar o Orientalismo, a Egiptomania e a Egiptologia, tendo na figura de d. Pedro um catalisador destes fenômenos. Ainda, abordaremos como o imperador utilizou a imagem e saberes sobre o Egito na construção de sua própria, bem como na formação da identidade nacional do Brasil recém-independente. Trata-se, portanto, de um estudo sobre os usos do passado egípcio e suas características, reinventada ou não, para o contexto de reafirmação do poder imperial nacional, que já entrava em crise em meados do 1870.

“A análise do sarcófago de Pabasa ao Mito do Egito Eterno: como o Antiquarismo Influenciou na Criação da Imagem do Antigo Egito no Ocidente”

Giovanna Ciuffo Nascimento – Graduanda em História (UNIFAL)

Resumo:

O presente estudo se trata do trabalho de iniciação científica (PIBIC-FAPEMIG) que está em andamento, nesta pesquisa pretendo analisar através do acervo do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa como o Egito Antigo é retratado nas exposições museológicas. Para o estudo foram selecionados o Sarcófago interno e externo de Pabasa, mordomo – chefe da sacerdotisa Nitocris, ambos pertencentes ao período ptolemaico (323 a.c-30 a.c). Além da catalogação pretendo também compreender o que influenciou o interesse europeu pelos objetos pertencentes ao período do Egito Faraônico e como esse interesse pelo antiquarismo ajudou a fortalecer a ideia do mito do Egito eterno, contribuindo para a sua exotização o transformando em um período místico dentro da história, principalmente, para o público geral.

“Memória Cultural e Patrimônio Arqueológico: salvaguarda e ressignificação da coleção egípcia do Museu Nacional”

Bruna de Oliveira Santos – Mestranda em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (UEG)

Resumo:

No presente artigo é discutido como a salvaguarda do patrimônio arqueológico pode contribuir para a preservação e ressignificação da memória cultural, a partir do caso da coleção egípcia do Museu Nacional/UFRJ, que foi parcialmente destruída pelo incêndio ocorrido em setembro de 2018. O fogo causou uma das maiores perdas do patrimônio científico e cultural brasileiro, provocando mobilizações voltadas ao resgate dos acervos e à reconstrução material e simbólica do mais antigo museu do Brasil. Esta pesquisa foi desenvolvida através de revisão bibliográfica, sendo de caráter qualitativo e interdisciplinar, uma vez que se baseia em estudos da Arqueologia, Memória e Patrimônio Cultural. A análise é feita em torno de como os objetos arqueológicos, mesmo parcialmente destruídos, continuam a desempenhar funções simbólicas e educativas, ressaltando o fato de que a salvaguarda não se limita à preservação física, pois passa por um processo de atribuição de novos sentidos aos objetos. Os resultados da análise indicam que o resgate e as ações de comunicação e educação patrimonial futuras podem contribuir para manter viva a memória da coleção egípcia. Assim, compreende-se que o resgate do acervo, ainda que incompleto, permite a continuidade de práticas culturais e científicas, reafirmando a importância da memória em contextos de perda.

14/10/2025 – Terça-feira

10:00 H – Mesa de debates 3

“Sherdens no Grande Templo de Abu Simbel: uma análise iconográfica detalhada dos Guerreiros de elite de Ramsés II (1279-1213 AEC)”

Sérgio Ricardo Fracalanza Muzy – Especialista em História Militar (UNISUL)

Resumo:

Objetivos: Analisar e tentar responder as seguintes questões: Quem eram os Sherdens? Apenas um dos mais misteriosos "Povos do Mar"? Quais suas origens? Guerreiros destemidos e marinheiros exímios? Mercenários e soldados leais ao faraó? Um dos fatores decisivos para a vitória táctica Egípcia na Batalha de Kadesh (ano 5 do reinado de Ramsés II)? O presente estudo visa explicitar através de análise iconográfica das imagens de Abu Simbel e com apoio de outras fontes primárias e secundárias, que eles foram muito mais do que isso e um exemplo único de aculturação e assimilação, de um dos mais temidos "Povos do Mar", durante o reinado do faraó Ramsés II (1279-1213 AEC).

“Poder Divino e Estratégia Política: a Capela Vermelha no Reinado de Hatshepsut”

Alanna Vanessa Mendes Moreira – Graduada em História (UEG)

Resumo:

Este trabalho parte do interesse em compreender como Hatshepsut, uma mulher que assumiu o trono egípcio com plenos títulos de faraó, conseguiu legitimar seu poder em um contexto historicamente dominado por figuras masculinas. A problemática que orienta a pesquisa é: de que maneira a Capela Vermelha, localizada em Karnak e dedicada ao deus Amon, foi usada como instrumento simbólico e religioso para afirmar a autoridade de Hatshepsut? A proposta analisa as imagens e inscrições do monumento a partir de uma perspectiva interdisciplinar, dialogando com a História Antiga, a Egptologia, os estudos de gênero e a teoria semiótica. Através do conceito de teopolítica, investiga-se como a religião e a materialidade dos templos egípcios foram mobilizadas como ferramentas políticas. As cenas que mostram Hatshepsut ao lado dos deuses, realizando oferendas e sendo legitimada por Amon, não apenas reforçam sua imagem como soberana, mas também constroem uma narrativa de continuidade e ordem (Maat). Ao considerar a Capela Vermelha não apenas como um espaço ritual, mas como um discurso visual carregado de intenções políticas, o estudo contribui para a compreensão das formas de poder feminino na Antiguidade. A análise evidencia como Hatshepsut soube manejar os códigos simbólicos da tradição faraônica para afirmar sua posição, mostrando que, mesmo em sociedades profundamente hierarquizadas, havia brechas para disputas e negociações de autoridade.

“Entre o Deus e o Rei: a Divinização de Ramsés II por meio dos Colossos Reais e a Percepção Popular da Realeza Divina”

Emanuel Amaro dos Santos Fernandes – Mestrando em História Comparada (UFRJ)

Resumo:

O culto ao rei como divindade foi uma característica marcante do Egito Antigo, com origens no início do Período Dinástico, tornando-se mais concreta no Reino Novo, especialmente com as políticas de auto-deificação de Amenhotep III (1391-1353 a.C.). No reinado de Ramsés II (1279-1213 a.C.), esse processo aprofundou-se, manifestando-se também na crença cotidiana dos egípcios, além de fortalecer politicamente a autoridade real. Indivíduos de diversos estratos sociais realizavam oferendas e orações diante das grandes estátuas do faraó, evidenciando uma prática de culto distinta daquela exclusivamente voltada aos deuses. Este trabalho analisa as Estelas de Horbeit, coleção de 54 tabuinhas devocionais que registram oferendas aos colossos reais de Ramsés II, buscando compreender a interação entre devoção popular e divinização do rei. Adota-se o método iconológico de Erwin Panofsky, que permite uma análise em três níveis – pré-iconográfico, iconográfico e iconológico –, e o método comparativo, confrontando as Estelas de Horbeit com estelas de Amenhotep III, para identificar continuidades e rupturas na prática do culto ao deus-rei. O referencial teórico combina historiografia do culto real e da religião egípcia (Peter Brand, Jan Assmann, Erik Hornung), estudos sobre templos e geografia ritual (Richard Wilkinson) e abordagens sobre materialidade e agência dos objetos na prática ritual (Alfred Gell, Lynn Meskell). A pesquisa evidencia que a divinização de Ramsés II era tanto um instrumento político quanto uma experiência religiosa vivida pelos fiéis, revelando a complexidade das práticas votivas no Novo Império.

“Medeia e as práticas de magia amorosa no Mediterrâneo Antigo: um diálogo entre literatura e religiosidade popular no Egito greco-romano”

Amanda Martins Hutflesz – Doutoranda em Letras Clássicas (UFRJ)

Resumo:

Esta pesquisa, propõe uma reflexão interdisciplinar sobre a relação entre a representação da magia amorosa na tragédia Medéia, de Eurípides, e as práticas mágicas registradas no contexto helenístico, especialmente no Egito sob o domínio dos Ptolomeus. Analisam-se aspectos do imaginário mágico feminino, a utilização de encantamentos, bonecas de amarração e tábuas de impreciação como expressão da agência afetiva das mulheres no mundo antigo. A personagem Medeia serve como eixo simbólico de articulação entre mito, literatura e práticas religiosas populares.

13:30 H - Mesa de debates 4

“A Comunidade Aldeã no antigo Egito: os reais limites do poder faraônico”

Profa. Dra. Nely Feitoza Arrais (UFRJ) e Prof. Dr. Marcos José Caldas (UFRJ)

Resumo:

A concepção da sociedade egípcia faraônica como uma sociedade fortemente centralizada e controlada por um Estado amparado por uma burocracia altamente complexa e fundamentado na figura do rei-deus forneceu à historiografia moderna uma visão enfraquecida de outros setores da sociedade, composta por atores cruciais, a exemplo das comunidades aldeãs, mas que foram parcialmente esvaziados de sua importância pela natureza das fontes primárias de cunho eminentemente estatal. Entre 1941 e 1951, o francês Bruyère e o tcheco Černý encontraram em uma localidade conhecida como Deir El-Medina um papiro, que está hoje em Turin, e ostracas com informações valiosas sobre uma revolta de trabalhadores nesta localidade. Esta documentação deu voz ao grupo social frequentemente emudecido nas fontes governamentais. Muito conhecida como a primeira “greve” documentada na história, os atos narrados no papiro nos deixam perceber não apenas a relação entre o Estado faraônico e seus subordinados, mas, também, a natureza da estrutura social conhecida como Comunidade Aldeã, muitas vezes inferida e poucas vezes demonstrada. O objetivo desta comunicação é apresentar alguns questionamentos e possíveis respostas sobre este conceito de forma a contribuir para uma melhor compreensão da complexa sociedade egípcia antiga.

“Los " papeles de trabajo " de Abraham Rosenvasser”

Profa. Dra. María Violeta Pereyra (Universidad de Buenos Aires) e Dr. Mariano Bonanno (Universidad de Buenos Aires)

Resumo:

Un archivo que contiene veintiséis carpetas con quinientos documentos consistentes de transcripciones, transliteraciones y traducciones de textos egipcios, griegos, hebreos y sumeros que fueron recuperados treinta años después de su muerte. Estos “papeles de trabajo” de Abraham Rosenvasser dan cuenta de su interés en las religiones del antiguo Cercano Oriente, entre otros, además de documentar su forma de trabajo. Nos proponemos aquí presentar los textos dedicados a los libros egipcios del Más Allá, que se preservaron en ese acervo y que constituyeron las bases de sus investigaciones y tarea docente.

“Una aproximación al país de Punt en fuentes monumentales y religiosas egipcias a través de las colocaciones”

Emilio Sebastián Bosio (Universidad de Buenos Aires)

Resumo:

La presente comunicación forma parte de una investigación en el marco del programa de Doctorado de la Universidad de Alcalá: Historia, Cultura y Pensamiento. Explora una problemática poco estudiada acerca del país de Punt: su caracterización en los textos monumentales y religiosos egipcios. A través del concepto de “geografía imaginaria” (Said 2006) y de un análisis del vocabulario utilizado con relación a Punt a lo largo de toda las fuentes publicadas, se propone la interpretación que este país era imaginado por los egipcios como un paisaje sagrado que formaba parte de su cosmos, aunque estuviese situado en el extranjero, y que cumplía un función en el mantenimiento del orden, que consistía en algo más que proveer materias primas de consumo suntuario. El vocabulario es catalogado e interpretado mediante el concepto de colocaciones (Halliday y Yallop, 2007). La conclusión provisional es que las categorías de Mircea Eliade (1998), “arquetipo” y “repetición”, se presentan invertidas, pues el país extranjero de Punt es un arquetipo sagrado y el templo egipcio es una “repetición”. Un problema pendiente que se presenta al final de la exposición es si este panorama es extensible a otras áreas extranjeras o solo es exclusivo del país de Punt.

15/10/2025 – Quarta-feira

13:30 H – Mesa de debates 5

“Os poemas de amor egípcios e sua relação com Deir el-Medina”

Alessandra Pinto Antunes do Vale – Doutora em História (UFRRJ)

Resumo:

A maior parte dos poemas de amor egípcios já localizados encontra-se em quatro fontes históricas: o *Papiro Chester Beatty I*, o *Papiro Harris 500*, o *Papiro Turim 1996* e o *Óstraco do Cairo*. Com exceção do *Papiro Harris 500* – que provavelmente foi achado em um local vizinho, o Ramesseum –, as outras três fontes históricas citadas foram encontradas – e possivelmente produzidas –, em diferentes momentos, na mesma região: o sítio arqueológico de Deir el-Medina, nas proximidades da cidade de Luxor, à margem esquerda do rio Nilo, no Egito. Neste local e em seus arredores foram descobertos não apenas os poemas lírico-amorosos, mas inúmeros outros escritos literários produzidos pelos egípcios. Destarte, acreditando que esses textos e, em especial os poemas de amor, tiveram em sua produção e público-alvo os escribas cortesãos que habitavam a região de Deir el-Medina, defendemos que eles em muito contribuíram para o fornecimento de um conhecimento sem precedentes e detalhado acerca do dia a dia e da forma de pensar e/ou se expressar desse grupo social, contexto este que objetivamos apresentar sucintamente neste trabalho.

“Entre festas e hinos: diálogo entre os templos em Esna”

Tamires Machado – Doutoranda em Arqueologia (PPGArq/MN/UFRJ)

Resumo:

A iconografia e as inscrições templárias devem ser analisadas de acordo com o seu contexto particular, nesse sentido, verificando referências diretas entre dois sítios de uma região próxima, podemos identificar alguns elementos em comum, e estabelecer elementos de diálogo. A sala hipostila do Templo de Khnum de Esna é repleto de cenas e inscrições sobre as festividades, performances rituais e hinos das divindades de culto local. Próximo à este templo principal há o sítio do Templo de Komir, dedicado às deusas Nephtis e Anuket, construído sobre o domínio de Antonino Pio. Percebemos um diálogo entre as inscrições templárias e as práticas festivas de ambos os templos, inclusive a localização das inscrições dos hinos e dos relevos sugere a existência de um culto popular para as divindades de Komir, enquanto também apontam para a influência do templo principal da metrópole latopolitana. As evidências textuais e a cultura material apontam, desse modo, que além da circulação das divindades locais entre templos durante as procissões, também haviam elementos de intertextualidade e reciprocidade entre as práticas religiosas na região de Esna.

“Mania ou logos? Discutindo a relação entre recepção do Egito Antigo e a egiptologia”

Mariana Pinheiro da Costa Chaves – Mestranda em História social (PPGH-UFF)

Resumo:

A seguinte comunicação tem como objetivo fazer um panorama dos debates e tensões entre os estudos de recepção do Egito Antigo – sob a luz das contribuições de Hans-Georg Gadamer – e a egiptologia na modernidade. No processo, será mostrado o quanto a egiptologia vem mudando sua postura em relação a esses estudos e quais contribuições podem vir destes para compreensão do Egito Antigo. Ao invés de entender a egiptologia e a recepção como dois campos separados e opostos, esta comunicação defenderá que ambos deveriam ser pensados de modo complementar.

15:45 H - Mesa de debates 6

“Entre a memória e o esquecimento: reutilização de tumbas em Tebas e Saqqara”

Daniel Portocarrero da Silva – Graduando em Arqueologia (UERJ)

Resumo:

A reutilização de tumbas no Egito Antigo constitui um fenômeno complexo, que ultrapassa a mera prática de economia de espaço ou recursos. Ao comparar Tebas e Saqqara, duas das principais necrópoles do período faraônico, emergem padrões distintos de ocupação e reinscrição funerária. Em Tebas, observa-se com maior frequência o apagamento da memória dos antigos proprietários, especialmente durante o Terceiro Período Intermediário, quando elites sacerdotais e grupos locais adaptaram sepulturas pré-existentes para novos usos. Já em Saqqara, as reutilizações tendem a ocorrer de forma mais espaçada e, em muitos casos, respeitosa, mantendo elementos da iconografia e da disposição original dos túmulos. Essa aparente oposição pode sugerir uma dimensão social da prática — um contraste entre o tratamento dado às elites tebanas e a maior diversidade social presente em Saqqara. No entanto, a análise mais atenta revela que não se trata de um processo absoluto: há exemplos de reutilizações respeitosas em Tebas e de apropriações agressivas em Saqqara. Isso aponta para a necessidade de considerar também fatores pessoais, contextuais e práticos, como vínculos familiares, urgência de enterramento e a própria arquitetura das sepulturas, que condicionava a forma de adaptação. A proposta desta comunicação é apresentar essas diferenças e tensões, problematizando em que medida a reutilização funerária refletia dinâmicas sociais mais amplas ou escolhas específicas de grupos e indivíduos. Assim, busca-se abrir o debate sobre a relação entre memória, identidade e práticas funerárias no Egito Antigo.

“As Gentes de Kephtyu – representações funerárias dos grupos egeus no Vale dos Nobres na XVIIIª Dinastia”

Marcos Davi Duarte – Doutorando em Arqueologia (PPGARq/MN/UFRJ)

Resumo:

Os registros em tumbas no período da XVIIIª Dinastia (1549-1292 a.C.) pertencentes à elite tebana, localizadas no Vale dos Nobres, são vestígios indicadores de uma grande profusão de contatos culturais entre egípcios e outros povos que circulavam a região do périplo mediterrânico. Dentre as diversas representações de personagens estrangeiros, encontram-se cenas de integrantes em comitivas oriundos das regiões egeias trazendo tributos através de uma navegação complexa e dispendiosa, alternando em rotas de mar aberto, conexões interinsulares e cabotagem. Esse intenso circuito de navegação de mercadorias e insumos de alto valor agregado, transportados pelos navios egeus a fim de abastecer o luxo da nobreza egípcia consequentemente fortaleceria as realidades palacianas cretenses e sua influência na marinharia regional. Tais representações destes grupos navegantes das “ilhas do grande mar verde”, além de um simples registro de um cotidiano pela elite tebana em sua arquitetura funerária também podem nos oferecer um panorama das relações Egito-Levante-Egeu e da apropriação da imagem de determinados grupos estrangeiros como um elemento de representação do status social e poder.

“Realeza do mundo animal: os felinos na iconografia, arte e religiosidade do Antigo Egito”

Lílian Cardoso – Doutora em Arqueologia (MN/UFRJ)

Resumo:

Os felídeos são uma família de animais mamíferos pertencentes à Ordem Carnívora. Atualmente o Egito abriga seis espécies de felinos selvagens e uma espécie domesticada (*Felis catus*), mas na antiguidade essa diversidade era maior. Os leões (*Panthera leo*) provavelmente foram extintos na região no final dos tempos faraônicos, devido à caça excessiva e à perda de habitat. Majestosos e poderosos, acredita-se que eles eram abundantes na natureza egípcia, caçados pelo faraó e mantidos como animais de estimação de prestígio. O poder e a força do leão eram comparados aos do governante egípcio, como um elemento da natureza que o representava. Os felinos encontrados na antiguidade e que ainda existem em terras egípcias nos dias atuais são: *Felis margarita* (gato-da-areia), *Felis silvestris* (gato selvagem africano), *Felis catus* (gato doméstico), *Felis chaus* (gato-do-pântano), *Caracal caracal* (lince-do-deserto), *Panthera pardus* (leopardo) e *Acinonyx jubatus* (guepardo). Infelizmente várias dessas espécies estão ameaçadas de extinção no país e são muito raramente observadas na natureza nos dias atuais. Elegantes, com indiscutíveis graça e beleza naturais, os felinos são caçadores altamente inteligentes e habilidosos, que evoluíram como predadores supremos. Tais habilidades os fizeram ser percebidos pelos antigos egípcios como animais diferenciados e especiais. Amplamente representados em toda a sua diversidade na iconografia, cultuados como animais sagrados ao longo de toda a história egípcia – em especial durante o período Ptolomaico – e oferecidos aos deuses como oferendas, os felinos eram detentores de um status diferenciado de reverência, respeito e adoração, atuando como intermediários entre as divindades e os fiéis.

16/10/2025 – Quinta-feira

10:00 H – Mesa de debates 7

“O ensino da História do Antigo Egito a partir do livro didático”

Wanderson Alberto da Silva – Doutorando em História (PPGH/UFPB)

Resumo:

Este trabalho é parte das pesquisas desenvolvidas no doutorado do PPGH/UFPB, cuja problemática central é o Antigo Egito no Livro didático de História; dos estudos aprofundados no ANKH – Grupo de Pesquisa do Antigo Egito (UFPB/CNPq) e da minha experiência de mais de trinta anos de sala de aula. A partir da observação dos livros didáticos de maior comercialização, de acordo com o último PNLD, apresento algumas análises pedagógicas e metodológicas do ensino de História em relação às abordagens temáticas e às estruturas das sequências didáticas sugeridas por esses materiais para as aulas de Antigo Egito. Em geral, destaco a importância do livro didático no ensino da História do Antigo Egito, seu uso (e não uso), adequado ou não, com suas continuidades e descontinuidades, silenciamentos/apagamentos, para que o leitor possa refletir sobre um ensino mais democrático, antirracista e incluyente, aproximando o objeto de conhecimento Antigo Egito ao estudante na experiência de vida, com as realidades circundantes do tempo presente, portanto, tornando a aprendizagem mais significativa.

“A Filosofia, Ética e Educação egípcia sob o conceito de Maat”

Emerson Facão – Doutor em Filosofia (UERJ)

Resumo:

Mais do que uma divindade, Maat simbolizava a ordem universal, a justiça, a verdade e o equilíbrio que asseguravam a harmonia do cosmos, da sociedade e da vida individual entre os antigos egípcios. Nesse contexto, a reflexão filosófica não se manifestava em tratados abstratos, mas em ensinamentos práticos transmitidos pela religião, pela política e pela pedagogia, tendo sempre como horizonte a preservação da ordem contra o caos (isfet). Representada como esposa de Thot, Maat trazia na cabeça uma pluma de avestruz, utilizada no julgamento das almas no tribunal de Osíris, símbolo de retidão e leveza. A presente comunicação busca apresentar algumas considerações sobre como essa figura mítica se constituiu também como um conceito fundamental para a formação do pensamento filosófico egípcio na antiguidade.

“A Egiptomania e o Ensino de História Antiga: as representações egípcias no cotidiano da Paraíba”

Profa. Dra. Serioja R. C. Mariano (UFPB) e Wanderson Alberto da Silva – Doutorando em História (PPGH/UFPB)

Resumo:

Este trabalho surgiu a partir das discussões do ANKH – Grupo de Pesquisa do Antigo Egito (UFPB/CNPq), e das aulas do conteúdo curricular de História Antiga I (DH/UFPB), com algumas problematizações trazidas pelos alunos e alunas, acerca da constante presença imagética de elementos da cultura dos antigos egípcios no cotidiano da sociedade paraibana. Refletimos sobre as relações entre os elementos simbólicos daquela civilização e suas ressignificações expostas aos nossos olhos, presentes, ainda hoje, no Estado da Paraíba, a exemplo do espalhamento de obeliscos nas ruas, praças e cemitérios; nos desenhos arquitetônicos de fachadas, nomes de lojas comerciais, entre outros. Mesmo com toda essa representatividade, observamos que a história do Egito, oficialmente, presente nos currículos das instituições de ensino do Brasil, ainda é considerada lacunar. Portanto, trata-se de uma história constante, e uma historiografia ausente, com pouca produção e formação profissional de professores na área. Sendo assim, propomos algumas práticas metodológicas de ensino/aprendizagem, aplicadas às novas tecnologias educacionais, aproximando o/a estudante de hoje com aquele tempo e espaço da Antiguidade.

13:30 H - Mesa de debates 8

“Os intelectuais no Egito Antigo: poder ideológico e ontologia”

Jorge Henrique Almeida de Jesus – Doutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ)

Resumo:

No Egito Antigo, o poder não era exercido apenas pelos faraós, mas também pelos intelectuais. Entre estes estavam os sacerdotes, escribas, artesãos e artistas, que com base em seus múltiplos saberes controlavam o poder ideológico. Partindo do conceito de poder de Norberto Bobbio, pretende-se problematizar a relação estabelecida entre o poder ideológico e a ontologia egípcia. Defende-se a hipótese de que as concepções sobre a vida, a morte e a vida após a morte vigentes na sociedade faraônica contribuíam para a garantia do poder dos intelectuais. As fontes analisadas serão essencialmente textuais e iconográficas, com destaque para as Fórmulas para sair à luz do dia (Novo Império) e a História de Satni Khamoi e de seu filho Senosíris (Período Romano). A metodologia empregada será a da análise do discurso.

“O papel da mulher durante a vigência da XXV Dinastia do Egito”

Vilma Fátima Freire Caldeira – Especialista em História Antiga e Medieval (UERJ)

Resumo:

O presente estudo delimita-se à análise do papel das mulheres no Egito durante a vigência da XXV Dinastia (747 a.C. – 656 a.C.), também conhecida como Dinastia Núbia ou Império Cuxita, com foco na função da Esposa do Deus Amon e na influência política e religiosa exercida por elas na elite kushita e egípcia. O recorte temporal abrange desde a ascensão de Piye ao trono egípcio até o fim da dinastia, período em que a tradição matrilinear kushita esteve profundamente articulada à legitimidade faraônica. A investigação concentra-se nas interseções entre gênero, poder e território, analisando como a filiação materna, o prestígio religioso e a atuação de figuras como Amenirdis II e as Candaces moldaram a estrutura de poder. Para tanto, serão utilizadas abordagens da História de Gênero e da Arqueologia de Gênero, com base em fontes textuais e iconográficas, especialmente a Estela da Vitória de Piye, a fim de compreender como o elemento feminino se inseria nas relações de poder e na organização sociopolítica do período.

“Em busca de interpretações endógenas à cultura pastoril kushita no II milênio AEC – uma contribuição dos estudos póscoloniais”

Fábio Amorim Vieira – Doutorando em História (UFRGS)

Resumo:

Um dos grandes desafios nos estudos da Núbia trata-se da sua vinculação com a Egíptologia e, conseqüentemente, da centralidade egípcia fortalecida por percepções coloniais oriundas da projeção etnocêntrica egípcia da dominação sobre a Núbia espelhada na documentação faraônica. Contudo, destacam-se na atualidade análises voltadas à compreensão da cultura material núbia para além da esfera egípcia. Este trabalho trata-se de uma análise inicial do Estado de Kush no II milênio AEC, período marcado pela sua expansão política em todo o vale do Nilo núbio, bem como pela dominação faraônica. O foco se dá a partir da metodologia proposta por Joseph Ki-Zerbo às fontes africanas (1982: XLIX-LII) na busca por percepções endógenas núbias, voltadas à cultura pastoril presente tanto na arqueologia funerária de Kerma, capital de Kush, quanto na posterior documentação egípcia de tributação núbia. O corpo documental abrange tanto aos relatórios arqueológicos dos períodos Médio e Clássico do cemitério de Kerma quanto às cenas de tributação estrangeira sobretudo em tumbas tebanas datadas do Reino Novo, de modo a interpretar a potência dos sentidos políticos destas tradições pastoris kushitas locais sob continuidades reformuladas (MUDIMBE, 2013), mesmo que sufocadas sob estatutos de dominação (FANON, 2011).

17/10/2025 - Sexta-feira

10:00 H - Mesa de debates 9

“Dançarinas Egípcias: terminologia e Iconografia Através dos Períodos Históricos”

Patricia Cardoso Azoubel Zulli – Mestra em História (UFF)

Resumo:

A dança é uma prática humana cuja representação pode ser encontrada em praticamente todas as civilizações. O Egito antigo, portanto, não é uma exceção à regra. Uma variedade de fontes nos proporciona possíveis caminhos de análise para poder entender quem eram essas dançarinas, suas funções dentro da sociedade egípcia e sua evolução com o passar do tempo. Nesta comunicação objetivamos apresentar as principais formas pelas quais as dançarinas egípcias foram denominadas além de analisar brevemente o desenvolvimento das representações imagéticas das mesmas durante os períodos históricos.

“A Representação dos Corpos Egípcios na Produção Cinematográfica de Hollywood: Análises e Implicações”

Ana Paula de Brito Rodrigues – Graduada em História (UFRRJ)

Resumo:

Este trabalho apresenta uma análise crítica das representações dos corpos egípcios, enfocando as dimensões étnica e de gênero, dentro do contexto do cinema hollywoodiano. A pesquisa destaca como tais representações reproduzem narrativas coloniais, racistas e patriarcais, que contribuem para a exclusão, apagamento e hierarquização social. Na dimensão étnica, discute a desafricanização do Egito Antigo, evidenciando a influência da egiptologia do século XIX e do orientalismo, que desvinculam o Egito de seu contexto africano, legitimando discursos de dominação ocidental e construindo uma temporalidade que separa o Egito Antigo do Egito Moderno. Na dimensão de gênero, investiga a sexualização e exotização dos corpos femininos egípcios, ancorada nas teorias de Laura Mulvey, Judith Butler e Jasmine Day, que demonstram como o cinema hollywoodiano reproduz uma lógica patriarcal, convertendo essas figuras em objetos de desejo e poder simbólico. A análise ressalta o papel das imagens corporais na construção simbólica do Egito Antigo, com impacto direto nas percepções contemporâneas sobre raça, identidade e gênero. Este estudo contribui para o entendimento crítico das narrativas culturais presentes no cinema e sua relação com processos históricos de exclusão e construção identitária.

“Erotismo no Egito Antigo: Corpo, Gênero e Religião”

Gustavo Henrique Marques Maciel – Graduando em História (UERJ)

Resumo:

Diferente de algumas concepções modernas mais restritivas, o sexo não era visto apenas como ato reprodutivo, mas também como força vital, vinculada à fertilidade, ao prazer e à ordem cósmica (ma'at). Na iconografia, o erotismo aparecia tanto em contextos privados, como nas representações de casais em intimidade, quanto em contextos religiosos, como na veneração do deus Min, divindade associada à fertilidade masculina e à potência sexual, retratado frequentemente com o falo ereto. Na religião, a sexualidade era compreendida como manifestação do poder criador divino. Mitos de criação, como o de Atum, envolvem elementos de autoerotismo, e a própria regeneração pós-morte estava ligada à restauração da virilidade, simbolizando a continuidade da vida. Pinturas, relevos e objetos com conotações sexuais também possuíam função mágica e apotropaica, protegendo contra o caos. Assim, a sexualidade no Egito Antigo integrava-se de forma orgânica à vida, à fé e à arte, sendo expressão da energia criadora que sustentava o cosmos. O casamento, as representações de gênero, o culto a divindades como Min e os mitos de origem revelam uma compreensão em que prazer e fertilidade se entrelaçavam à ordem e à continuidade. Por meio da iconografia e dos rituais, desejo e espiritualidade se uniam, formando um único tecido simbólico e social. Dessa forma, compreender a sexualidade no Egito Antigo é também compreender como os egípcios concebiam a própria vida, a morte e a manutenção da ordem universal.

13:30 H - Mesa de debates 10

“Hatshepsut e a Relevância da História Antiga: reflexões para o Ensino de História”

Cely Nathany – Mestranda em História (UERJ)

Resumo:

O estudo da Antiguidade é fundamental para o ensino de História, uma vez que permite analisar processos sociais, políticos e culturais que influenciam a construção do mundo contemporâneo. Mais do que um período distante no tempo, a Antiguidade deve ser compreendida como um campo de reflexão que ajuda a formar a consciência crítica dos estudantes, estimulando comparações, questionamentos e novas interpretações sobre o passado. Nesse contexto, a discussão sobre o papel das mulheres ganha destaque, já que muitas vezes suas experiências foram ocultadas ou minimizadas pelas narrativas tradicionais. Investigar trajetórias femininas, como a da faraó Hatshepsut no Egito, ou das mulheres gregas que participaram de diferentes esferas sociais, possibilita evidenciar que elas não se restringiam apenas ao espaço privado, mas também exerceram funções políticas, culturais e religiosas de grande relevância. Ao resgatar essas contribuições, abre-se espaço para desconstruir leituras históricas centradas na figura masculina, oferecendo aos alunos uma compreensão mais inclusiva e plural do passado. Além disso, a valorização da presença feminina na Antiguidade se torna uma estratégia pedagógica importante, pois promove debates sobre gênero, poder e representação, que dialogam com questões atuais da sociedade. Assim, o ensino da História Antiga, articulado à reflexão sobre a participação das mulheres, não apenas amplia o conhecimento histórico, mas também favorece a formação de cidadãos críticos, conscientes da diversidade e capazes de reconhecer o papel de sujeitos historicamente silenciados.

“Hieróglifos na Sala de Aula”

Thiago Ribeiro – Doutor em História (UFFRJ) e Lavínia Rocha – Historiadora (UFMG)

Resumo:

Esta apresentação tem por objetivo apresentar um material pedagógico elaborado pelos professores Thiago Ribeiro e Lavínia Rocha que possibilita que crianças e adolescentes em idade escolar experimentem um pouco da escrita do Egito Antigo. Criado para fazer parte de um projeto mais amplo de estudo sobre o Egito Antigo, tal material procurou se basear nos conhecimentos mais recentes sobre a escrita hieroglífica, principalmente em sua fase de médio egípcio, porém com uma forte preocupação em ser viável para utilização tanto por discentes quanto por docentes sem conhecimento de Egiptologia. Assim, o material pode ser empregado para dinâmicas educacionais lúdicas em que as crianças e adolescentes experimentem usar hieróglifos para escrever palavras simples e diversas, como seus nomes próprios.

“De Faraó a invisível: Hatshepsut e o apagamento de mulheres no ensino de História”

Ana Vitória dos Anjos Marcelino – Graduanda em História (UERJ)

Resumo:

A proposta desta apresentação exploratória é utilizar a trajetória de Hatshepsut, faraó da XVIII dinastia do Reino Novo, como estudo de caso para discutir o apagamento de mulheres da História e de sua participação política, em especial na construção de narrativas oficiais. A partir dessa figura histórica, será possível abordar temas como gênero, poder e representatividade, dialogando com a BNCC e aplicáveis a diferentes anos do Ensino Fundamental. Em síntese, o objetivo central é propor estratégias para trazer essas discussões para a sala de aula de forma crítica e acessível.

